

## dr. congo

Maicon Melito de Souza<sup>1</sup>

Era tarde de sexta-feira, eu caminhava pela Rua Prof. Dr. George Olivier Toni (também conhecida como Rua da Tulha, ou Rua Mario de Andrade) em direção ao Departamento de Música da FFCLRP. A rua, como de costume, quase não tinha movimento.

Perto da Tulha, parei para beber água da garrafinha que eu trazia comigo. Do nada, apareceu um idoso preto, vestido com roupa social, cumprimentando-me com um cortês boa tarde. Quase engasguei de susto, mas logo o cumprimentei para retribuir a cortesia.

Simpático, o senhor guardou um bolo de fumo goiano no bolso da camisa e fez a mim as seguintes perguntas, as quais respondi com sorriso no rosto.

— Veio assistir ao concerto?

— Não, só estou de passagem mesmo.

— É hoje que vai ter um debate sobre ações afirmativas na pós-graduação, na faculdade de direito?

— Não sei... salvo engano, esse debate já ocorreu na faculdade de direito do Largo de São Francisco.

Pensei — ele viu minha camiseta com o brasão da FDRP e deduziu que estudo lá.

Rindo e com seu semblante confiante, o homem disse:

— Verdade. Mas a nossa faculdade de Ribeirão deve fazer um também.

Não entendi bem a resposta, se teria ou se deveria ter aquele debate, apenas inclinei a cabeça e sorri com os lábios cerrados e as sobrancelhas erguidas, em gesto de aprovação. Foi quando meu aparente colega de faculdade emendou:

— Tá indo pra aula?

Respondi que não, expliquei que eu estava fazendo caminhada e que somente mais tarde eu iria à FDRP. Ele iria à “casa grande” — explicou, nas palavras dele —, atual área dos museus Histórico e do Café.

A partir dali, fomos andando, em acordo implícito de companhia, até onde os caminhos se separassem. Para quebrar o gelo, considerando as circunstâncias e as características pessoais, indaguei ao senhor, com meu preconceito formado.

— O senhor é advogado?

— Em certa medida, sim. Trabalhei bastante com as leis Feijó; Eusébio de Queirós; do Ventre Livre; dos Sexagenários; do Livro da Redenção, da antiga Vila de Ribeirão Preto. Trabalhei bastante com direito natural. Na verdade, nunca fui advogado, gostaria de ter sido, mas minha casa quase sempre foi aqui em baixo.

— Ah... o senhor entende muito de direito, é professor?

---

<sup>1</sup> Advogado e pesquisador. Especializando em direito tributário pela Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo — FDRP/USP. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Franca — FDF. E-mail: maiconmelito@usp.br.

— Eh, ensinei muita coisa aqui... De todo modo, no direito sou rábula. Quem me dera ser catedrático, estou como zelador daqui; na minha época, gente como eu não podia ser diplomada.

Encarei sua fala como um humilde desabafo. Surgiu-me a impressão de que já tínhamos nos visto antes, inclusive comentei isso naquela conversa. Ele, com o seu tom jocoso, falou:

— Te conheço faz tempo. Várias vezes te vi por aqui... Teve um dia que te vi num buteco, acredita?!

Na hora, dei gargalhadas. Eu tinha passado inúmeras vezes ali, todavia, eu nunca tinha visto aquele senhor.

Íamos conversando de forma generalista sobre nossas percepções de educação e de antigas e novas formas de trabalho urbano e rural, quando chegamos próximo da extinta agência dos Correios. Falei, apontando para a Rua Prof. Ernesto Giesbrecht:

— Vou subir aqui. Qual o nome do senhor?

Disse a mim que se chamava Francisco e que alguns o chamavam de Congo. Depois, apresentei-me, mencionando amigavelmente que para mim era um prazer conhecê-lo e/ou revê-lo. Não peguei na sua mão, porque com uma ele segurava faixas coloridas e com a outra um tambor. Despedimo-nos com frases que agora esqueci, enquanto cada um seguia seu trajeto.

No cruzamento da Rua Prof. Ernesto Giesbrecht com a Rua Prof. Ruy Roselino, o vento soprou forte, momento que recordei de onde eu já teria visto aquele homem.

Tempos atrás, eu tinha sonhado que eu estava entrando em um boteco e um senhor, muito parecido com o senhor Francisco, apenas me dissera, mais ou menos assim: “Você vai mudar a vida da sua família por meio da educação”.

Encafifado, matutei sobre o ocorrido na varanda de uma das Casas de Hóspedes, oportunidade na qual contei os fatos e sonho ao meu colega promotor de justiça aposentado.

Rindo, o promotor indagou a min.

— Rapaz, você está zombando de mim?

Respondi seriamente que não era o caso, alegando que nunca gostei de zombaria, que não era do meu interesse caçoar com tudo aquilo.

Em tom grave, convicto do meu caráter e convencido do meu arrazoado, o antigo membro do parquet se manifestou arrepiado:

— Essas coisas não são nem de brincar. Se não foi coincidência, você encontrou um vagabundo sem graça ou uma assombração. Parece um caso contado pelo meu bisavô.

Reticente, questionei ao colega o porquê. E ele contou:

— Doutor Congo é como apelidaram um preto velho chamado Francisco, ex-escravo. Livre, foi lavrador, foi rábula na então Comarca de São Simão, que abrangia a Vila de Ribeirão Preto, e, depois, na própria Comarca de Ribeirão Preto, desde o início patrocinando causas com pedido de libertação de escravos.

De acordo com o caso do bisavô do promotor, dr. Congo seria descendente de cativos da atual Angola e teria vindo de uma fazenda situada na então Vila do Belém do Descalvado, na Província de São Paulo, ao que tudo indica, de propriedade de João Franco de Moraes Octávio, coronel da Guarda Nacional, que levava seus escravos para sua nova fazenda, a Fazenda Monte Alegre. Esta,

adquirida pelo chamado “terceiro rei do café”, o coronel-comandante de Brigada de Infantaria da Guarda Nacional, Francisco Schmidt.

Hoje, a Fazenda Monte Alegre é o campus da USP em Ribeirão Preto.